

Previsão do FMI para a América Latina: mais desenvolvimento e maior inflação.

Crescimento de 3,3% em 1987, apesar dos altos juros da dívida externa, e, simultaneamente, agravamento da inflação que este ano será de 97,7% (contra 86,5 em 1986) e de 98,8 em 1988. Essa é a perspectiva que o FMI tem para a América Latina, em seu relatório semestral sobre as "Perspectivas da economia mundial". Divulgado ontem, o documento traz outra projeção pouco animadora: a economia dos países com maior desenvolvimento pode crescer de 2,3% este ano, em média, contribuindo para agravar a situação dos países em desenvolvimento já prejudicados pela dívida externa. Diz que com pequenas variantes, a situação não se alterará até o final desta década.

O crescimento dos países em desenvolvimento do hemisfério ocidental foi de 4% em 1986, superando a média mundial dos países enquadrados nessa categoria, que se situou em 3,5, segundo mostram os dados do FMI.

Em 1987 e 1988, as nações da América Latina e Caribe crescerão 3,3% e 4,7% respectivamente, também acima da média dos países em desenvolvimento tomados como um todo: de 3% e 4,1%.

Em contrapartida, o serviço da dívida externa da AL, que em 1986 absorveu 45,6% de suas exportações de bens e serviços, baixará em 1987 para 44,9% e em 1988 para 40,9%, segundo previsão do FMI. Apesar disso, os países latino-americanos continuarão sendo os campeões em termos inflacionários. A inflação na AL, que em 1985 atingiu o nível histórico de 150,3%, caiu em 86 para 86,5% (graças a rigorosas medidas impostas pelo Brasil, Argentina e Bolívia), mas em 1987 saltará para 97,7% e em 1988 para 98,8%. Simultaneamente, o déficit latino-americano em conta corrente — que em 1986 ascendeu a US\$ 16,1 bilhões — se situará em US\$ 15,9 bilhões em 87 e só em 88 cairá para US\$ 11,4 bilhões.

No relatório elaborado por uma equipe de peritos internacionais que representam seus 151 países membros, o FMI informa que a economia dos países ricos sofrerá agravamento em futuro próximo. Nos Estados Unidos e outras nações industrializadas, a média de crescimento ficará em 2,3% este ano (contra 2,4% em 86), e se prevêem apenas 2,8% para 1988. Só existe previsão otimista para o Japão: crescimento de 2,7% este ano e de 3,1% para 1988, contra 2,3% e 3,1% previstos para os EUA. A Alemanha Ocidental ficará com 1,9% este ano e com possíveis 2% no próximo. O documento explica que o mau desempenho global em 1987 resulta da depressão do comércio internacional, do déficit da balança comercial entre os países mais desenvolvidos e da queda da cotação do dólar, que parece ter reduzido a demanda e o crescimento da produção nos países de moedas fortes.

Soluções adiadas

Apesar da urgência que a situação exige, os comitês de assessoramento do Banco Mundial e do FMI virtualmente encerraram ontem em Washington sua reunião limitando-se a anunciar que o Grupo dos 7 (Estados Unidos, Canadá, Japão, Inglaterra, Alemanha Ocidental, França e Itália) não adotou medidas imediatas para aliviar as pressões da dívida externa ou afrouxar as barreiras comerciais. Os sete países mais industrializados do mundo admitiram contudo que a adoção das medidas "será essencial para resistir às pressões protecionistas e manter a expansão da economia mundial".

No Grupo 7, era visível o mal-estar causado pela continuação da moratória do Brasil, destinada a criar condições para programas de crescimento econômico. O ministro alemão das Finanças, Gerhard Stoltenberg, disse que os planos do Brasil "precisam ser definidos e complementados a fim de servir de base para negociações".

E, apesar da exortação feita pelos países em desenvolvimento (Grupo dos 24) para que se tomem medidas capazes de garantir a expansão da economia mundial, os ministros da Fazenda do Grupo dos 7 pareceram deixar as decisões para os presidentes e primeiros-ministros do mundo industrializado, que se reunirão em Veneza em junho próximo.